

A LEITURA INTERPRETATIVA: PELOS CAMINHOS DOS SIGNOS

THE INTERPRETATIVE READING: THROUGH THE SIGNS WAYS

Darcilia Marindir Pinto Simões¹

Rosane Reis de Oliveira²

Resumo: Ao se analisarem as provas de Português dos concursos Vestibulares das universidades públicas brasileiras, percebe-se claramente uma preocupação das bancas com as competências lexicais dos candidatos, uma das quais diz respeito à leitura semiótica dos textos escolhidos para interpretação. Surge, então, uma percepção incontornável: as questões de Português Instrumental desses concursos devem orientar o professor a dar uma nova feição às suas aulas. Nesse sentido, elaborou-se este trabalho com o objetivo de abordar os principais caminhos com que os professores de Língua Portuguesa devem conduzir a leitura de seus alunos de ensino médio com vistas a um bom aproveitamento nas provas do concurso Vestibular. Uma leitura contextualizada, já que a seleção lexical dos textos é projetada no âmbito de outras áreas do conhecimento humano, e direcionada pela iconicidade diagramática, isotópica e lexical. Essa é uma meta abordada neste trabalho, que sugere a implantação de uma metodologia nova e especial nas aulas preparatórias e que exige um olhar ampliado e obrigatório do docente pelos certames do concurso, para sustentar uma teoria de linguística textual mais produtiva ao desenvolvimento das capacidades de leitura que irão auxiliar no reconhecimento das respostas certas de questões de compreensão textual.

Palavras-chave: Vestibulares. Semiótica. Iconicidade.

Analyzing the Portuguese tests of the public university entrance contests in Brazil, we clearly realize a concern of the examiners with the lexical competencies of the candidates, one of which is about the semiotic of the chosen texts for interpretation. So, there is an unquestionable perception: the questions concerning Instrumental Portuguese of these contests should orient the teacher to give a new approach to his classes. This way, a study has been made in order to deal with the main ways with which Portuguese teachers should relate with their high school students' readings regarding a good performance in the exams. A contextualized reading, since the lexical selection of the texts is engineered in the range of other areas of human knowledge and directed to the diagrammatic, isotopic and lexical iconicity. This is a goal which is approached in this paper, which suggests the implementation of a new methodology in special regarding the prep classes which demands a broader and obligatory look by the teacher in terms of the contest itself in order to support a textual linguistic theory which can be

¹ Doutora em Letras Vernáculas pela UERJ. Coordenadora do Laboratório Multidisciplinar de Semiótica – LABSEM. Chefe do Departamento LIPO-ILE-UERJ. E-mail: darciliasimões@gmail.com.

² Mestre em Letras pela UERJ. Professora Substituta da Graduação de Letras (Departamento LIPO – ILE – UERJ). E-mail: rosanereis.prof@gmail.com.

more productive to the development of the skills of reading which will aid in the recognition of the right answers to reading comprehension texts.

Key words: Vestibulares. Semiotic. Isotopic.

Introdução

Quando se fala de interpretação textual, imediatamente se apresentam escolhas do enunciador, fator determinante para a percepção do projeto de dizer do enunciador. Esse projeto consiste num planejamento do tema, dos subtemas (tópicos relacionados ao tema), do gênero textual (carta, relatório, dissertação etc.) e, por conseguinte, da variedade linguística adequada ao gênero eleito e a seleção lexical. O vocabulário ativado no texto deve ser: preciso – tratar objetivamente do tema e dos subtemas; variado – evitar repetições indesejáveis; adequado – situar-se na variedade linguística exigida pelo gênero do texto.

Este artigo explica a importância da semiótica no reconhecimento dos sentidos do texto, em especial, demonstra como os conteúdos semióticos podem enriquecer o ensino-aprendizagem da leitura e como funcionam as pistas de leitura. Destaca-se, como pista orientadora, a seleção lexical, pois o vocabulário ativado no texto serve de pista icônica ou indicial para um mapeamento necessário ao entendimento do propósito comunicativo.

Para um estudo mais apurado, objetivando um trabalho consistente e coerente com o ensino do Português nas escolas de ensino médio, escolheram-se, como *cópus*, provas de concursos Vestibulares das principais universidades públicas brasileiras. O *cópus* foi analisado sob a ótica da iconicidade verbal³, com base em estudos e pesquisas contemporâneos, voltados para o ensino da língua portuguesa em diálogo com outras áreas do conhecimento humano. Essa postura dialógica tornou-se imprescindível para a realização das novas provas de Vestibular que visam não só ao aprofundamento da análise do sistema linguístico e sua potencialidade estrutural, como também à combinação de dados extraídos de áreas afins que participam dos processos discursivo-comunicativos. Estes, emoldurados pelas habilidades e competências, preconizadas pelas bancas examinadoras desses concursos, vêm abrindo novas discussões em relação ao texto e suas múltiplas leituras. Essas discussões destacam a relevância da preparação dos sujeitos para interagir com múltiplos códigos, uma vez que a hegemonia do verbal vem sendo quebrada pela intervenção da imagem.

Escolhida a iconicidade como caminho para a interpretação do texto, teoria baseada em Simões, começamos a estudar a potencialidade plástica dos signos verbais, levando-nos à

³ SIMÕES (2009) Teoria da Iconicidade Verbal. Dialogarts. Rio de Janeiro

descoberta de uma iconicidade direta (imagética) e uma indireta (indicial). Para concretizar nossa proposta, oferecemos alguns exemplos de mapeamento textual em várias instâncias da iconicidade de modo a facilitar a análise dos textos e, conseqüentemente, à resolução das questões de provas.

Desenvolvimento

A vida se manifesta em linguagens, e os seres precisam conhecê-las, para que possam utilizá-las com propriedade, com eficiência. Para tanto, é preciso perceber que as linguagens se materializam por meio de sinais, e estes precisam ser compreendidos pelos seres que se comunicam. Em outras palavras, é indiscutível a necessidade da comunicação entre os seres. Os usuários deverão utilizar meios que lhes sejam comuns, para que se entendam mutuamente. O entendimento depende do domínio do sinal e de sua transformação em signo.

A Semiótica é a ciência geral dos signos. Ela estuda a semiose que é o processo de produção da significação.

Sinal, signo e texto

Então, o que é signo? É algo que representa outra coisa que ali não está. Portanto, é um sinal que significa algo para alguém. Assim, a semiose se dá quando o sinal ganha significação.

Ilustrando: o sinal vermelho do trânsito representa uma ordem para a interrupção do fluxo dos veículos ou dos transeuntes. Terá um ou outro significado, segundo o contexto em que esteja inserido. Se nas calçadas em posição perpendicular ao fluxo do trânsito, comanda os pedestres; se nas esquinas, em posição dianteira para os veículos, comanda os motoristas.

(...)

1 – *Quanto tempo!*

2 – *Pois é...quanto tempo!*

3 – *Tanta coisa que eu tinha a dizer, mas eu sumi na poeira das ruas...*

4 – *Eu também tenho algo a dizer, mas me foge à lembrança!*

5 – *Por favor, telefone - Eu preciso beber alguma coisa,rapidamente...*

6 – *Pra semana...*

7 – *O sinal...*

8 – *Eu procuro você...*

9 – *Vai abrir, vai abrir...*

10 – *Eu prometo, não esqueço, não esqueço...*

11 – *Por favor, não esqueça, não esqueça...*

12 – *Adeus!*
13 – *Adeus!*
14 – *Adeus!*

Trecho de “Sinal fechado”, de Paulinho da Viola (Numeramos as falas para facilitar a identificação.)

Comentário: O semáforo comanda o tráfego e, às vezes, promove encontros fortuitos. O fragmento da letra da MPB reconstrói um diálogo corriqueiro no dia-a-dia das metrópoles. O que identifica o diálogo é a organização do texto em uma série de frases iniciadas pelo travessão. O que determina a duração do encontro (e do diálogo) é o tempo do sinal. A fala 7 é índice de que a conversa tem de acabar. A fala 9 completa a 7 e alerta o interlocutor sobre o comando do sinal. Ambos entendem a mensagem, despedem-se e partem.

Considerada a amplitude das ciências aplicáveis ao estudo da comunicação e da expressão, verifica-se que a Linguística e seu objeto – a linguagem humana verbal – não mais são suficientes à preparação dos sujeitos para a leitura e para a produção de textos. Outros códigos e outras linguagens interagem no ambiente dos textos, exigindo dos indivíduos competências não apenas verbais, mas multissígnicas. Com a Semiótica, aprende-se a desfrutar dos sentidos biológicos como antenas de captação de sinais, quais sejam, o sentidos biológicos humanos: visão, audição, tato, olfato e paladar; e da inteligência e raciocínio para traduzi-los em mensagens que organizam as ações, as relações, enfim, a sociedade.

Cada sinal pode ser interpretado quanto à sua função e ao seu valor. A interpretação se faz por meio do texto. Assim sendo, do sinal se passa ao signo que, em última análise, é um texto.

Assim sendo, a Semiótica ganha relevo e se associa à Linguística na formação de um sujeito competente para o enfrentamento de textos construídos com signos de natureza variada e que, por isso, exigem o aguçamento de todas as antenas sensoriais.

Tendo em conta que os estudos da cognição vêm ganhando relevo, principalmente em função das mudanças aceleradas dos processos semióticos, vemos na Semiótica de extração peirciana uma contribuição relevante (Nöth, 1995). A partir da relação entre signo e objeto (ícone, índice e símbolo), vimos que a iconicidade verbal é um instrumento facilitador do entendimento dos mecanismos e relações que estruturam os signos (Simões & Tedesco, 1999 e 2004) e garantem a compreensão do texto.

Organização interna do texto

Partindo da premissa, de que o signo é um texto (cf. Simões, 2007 p.42), é preciso dominar os tipos de signo para poder identificar e produzir com adequação os variados gêneros e tipos de texto. Deve-se então partir das potencialidades icônica e indicial. Esta funciona como uma seta, um vetor, um indicador. Conduz o sujeito na produção do texto ou da leitura. Deflagra as deduções e induções. Aquela busca trazer ao texto uma imagem do que representa. Nesse sentido, a faixa no canto interno da estrada é ícone da largura e do trecho permitido para rodar; enquanto as tabuletas ao longo da rodovia são índices das informações necessárias aos que por ali passam. Assim, faz-se o texto não-verbal.

Como se pode ver, tudo no texto significa. Logo, produzir um texto implica domínio não só do código verbal, como também dos códigos não-verbais subsidiários, como a pontuação, a paragrafação etc.

Cada gênero terá marcações próprias que lhes servirão de identificação. Uma das marcas mais importantes que deve, por isso, ser altamente considerada é a divisão do texto em parágrafos. No interior destes, dividem-se os períodos que, por sua vez, dividem-se em orações ou frases. O parágrafo é uma característica diagramática, portanto é icônico. Representa o início e, quase sempre, a conclusão de uma idéia-núcleo.

O parágrafo é identificado por uma forma semelhante a uma caixa de texto. Inicia-se com letra maiúscula e termina com ponto. No seu interior, as idéias subsidiárias (partes da idéia-núcleo) separam-se por pontos simples (quando se completam) ou por ponto-e-vírgula (quando ainda inconclusas). Terminado o parágrafo, usa-se o ponto parágrafo que indica mudança de linha. Essa troca de linha quase sempre representa mudança de idéia-núcleo. Mas há casos em que esta é tão complexa que exige o seu desdobramento em mais de um parágrafo.

Como os tipos textuais sempre surgem combinados, um texto pode apresentar trechos narrativos, descritos, dissertativos ou injuntivos. Além disso, dependendo do gênero, pode ser necessário inserirem-se tabelas, gráficos, planilhas, imagens etc. Logo, é preciso ler os textos com atenção, para que essas marcações especiais sirvam de orientação ao leitor, da mesma forma que se impuseram ao autor, para que atingisse a clareza.

Seleção lexical e iconicidade

No âmbito dos estudos linguísticos pela semiótica, vem ganhando destaque a iconicidade, que é a propriedade de um signo representar alguma coisa, de modo plástico (ou figurativo para outros). Por exemplo, os gêneros textuais podem ser identificados mesmo

antes de serem lidos por força da iconicidade diagramática externa, ou seja, a distribuição do conteúdo na página de uma carta é diferente da distribuição do conteúdo em um relatório, em um poema, em uma ladainha etc.

Quando se trata de seleção lexical, opera-se com dois níveis de iconicidade diagramática: 1) a paradigmática (escolha no léxico da língua); 2) a sintagmática (escolha para combinação sintática nos enunciados). A partir desse estudo, pode-se ganhar tempo na leitura e compreensão dos textos. A iconicidade diagramática sintagmática, operando no eixo semântico-pragmático, (que opera nos eixos de seleção e combinação dos signos, conforme propusera Saussure no Curso de Linguística Geral [1910-1913]), fica responsável pela clareza do texto em relação ao seu leitor potencial. Em outras palavras: o enunciador elege palavras que possam ser compreendidas por quem ele imagina que venha a ser o leitor do texto

Ilustrando:

Texto 1: O ADEUS DE TERESA (CASTRO ALVES)

*A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
“Adeus” eu disse-lhe a tremer co’a fala...
E ela, corando, murmurou-me: “adeus”.*

*Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saiu um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
“Adeus” lhe disse conservando-a presa...*

E ela entre beijos murmurou-me: “adeus!”

*Passaram tempos... séc’los de delírio...
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse – “Voltarei!... descansa!...”
Ela, chorando mais que uma criança,
Ela em soluços murmurou-me: “adeus!”*

*Quando voltei... era o palácio em festa!...
E a voz d’Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!...*

E ela arquejando murmurou-me: “adeus!”

TEXTO 2: TERESA (MANUEL BANDEIRA)

*A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna*

*Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo
nascesse)*

*Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.*

É perfeitamente possível reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão. Nos poemas eleitos, vê-se, nos títulos, uma coincidência lexical: ambos elegem a palavra Teresa. No entanto, como se dá a descrição da relação do eu lírico com essa personagem? Qual é o sentimento transmitido pelas palavras que descrevem as sensações vividas por um e outro poeta? Vejamos um levantamento do léxico dos poemas em foco.

O ADEUS DE TERESA			TERESA		
VERBO	SUBSTANTIVO	ADJETIVO	VERBO	SUBSTANTIVO	ADJETIVO
Amar	adeus	branca	achar (=julgar)	águas	primeira
Arquejar	alcova	divinais	esperar	cara	velhos
Arrastar	amor	do Empíreo (=celestiais)	ficar	CÉUS	terceira
Beijar	beijos	em festa (=festivo)	misturar	corpo	estúpidas
Chorar	cavaleiro	linda	mover-se	deus	
Conservar	CÉUS	pálida	nascer	espírito	
Corar	correnteza	presa	ter	face	
Descansar	criança	sem véus (=nua)	ver	nada	
Dizer	delírio	surpresa	VOLTAR	olhos	
Entrar	dia	última		perna(s)	
entreabrir-se	fala			resto	
Fitar	giros			TERESA	
Levar	gozos			terra	
Murmurar	homem			vez	
Olhar	lares				
partir (=ir)	mulher				
Passar	o azul				
Preencher	orquestra				
Sair	palácio				
Tremer	plantas				
VOLTAR	prazeres				
	sala				
	séculos				

	soluços				
	tempos				
	TERESA				
	vez				
	voz				
OBSERVAÇÃO: SÓ FORAM LEVANTADOS OS VERBOS, SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS					

Comentário: o número de vocábulos levantados demonstra a diferença entre o estilo romântico e o modernista. O primeiro é detalhista, enquanto o segundo é conciso, direto. Os adjetivos, por sua vez, mostram a suavidade do romantismo em confronto com a rudeza do modernismo.

Os vocábulos *VOLTAR*, *CÉUS* e *TERESA* são os únicos que se repetem nos dois poemas. Logo, apesar do tema semelhante, o discurso se realiza em tonalidade totalmente distinta em função das escolhas léxicas levantadas. Como se trata de dois grandes clássicos de nossa literatura, não se vai pôr em xeque o domínio vocabular dos autores. Todavia, quando o texto não é artístico, independentemente de autoria, avalia-se-lhe o vocabulário como um dos critérios de confiabilidade.

Ilustrando:

Da primeira vez que tivemos em casa um mico foi perto do Ano Novo. Estávamos sem água e sem empregada, fazia-se fila para carne, o calor rebentara – e foi quando, muda de perplexidade, vi o presente entrar em casa, já comendo banana, já examinando tudo com grande rapidez e um longo rabo. Mais parecia um macacão ainda não crescido, suas potencialidades eram tremendas. Subia pela roupa estendida na corda, de onde dava gritos de marinheiro, e jogava cascas de banana onde caíssem. E eu exausta. Quando me esquecia e entrava distraída na área de serviço, o grande sobressalto: aquele homem alegre ali. Meu menino menor sabia, antes de eu saber, que eu me desfaria do gorila: E se eu prometer que um dia o macaco vai adoecer e morrer, você deixa ele ficar? E se você soubesse que de qualquer jeito um dia vai cair da janela e morrer lá embaixo? Meus sentimentos desviavam o olhar. A inconsciência feliz e imunda do macaco-pequeno tornava-me responsável pelo se destino, já que ele próprio não aceitava culpas. Uma amiga entendeu de que amargura era feita a minha aceitação, de que crimes se alimentava meu ar sonhador, e rudemente me salvou. Meninos de morro apareceram numa zoadá feliz, levaram o homem que ria e, no desvitalizado Ano Novo, eu pelo menos ganhei uma casa sem macaco. (trecho de Macacos - Clarice Lispector)

Comentário:

Observe-se que o tema mico é reiterado no texto pelos procedimentos de recorrência, seja nominal – presente, macacão, homem alegre, gorila, macaco, macaco-pequeno, homem que ria - seja pronominal – ele próprio. Pelo levantamento de ocorrências de elementos que reiteram *mico*, fica comprovada a sua função como tema. Por outro lado, pode-se deduzir que

a autora foi habilidosa na manutenção/progressão do tema, pois, no primeiro parágrafo, pela reiteração progressiva de itens lexicais que sugerem o aumento de tamanho do mico (macaco, macacão, homem, gorila) pode-se inferir o incômodo que o animal causou, aumentando conforme suas atitudes.

Signos orientadores

Tudo o que se põe na superfície do texto poderá orientar ou desorientar o leitor. Por isso, deve-se ter muita cautela na organização do conteúdo do texto, de modo a permitir uma condução lógica do raciocínio e assim facilite a leitura.

Dependendo da natureza do texto, pode haver necessidade de nele inserir figuras especiais, para aumentar-lhe a clareza e a iconicidade. Entre essas figuras destacam-se as imagens e as legendas. Cumpre esclarecer que uma é consequência da outra, isto é, quando se usam imagens no texto, impõe-se a inclusão de legendas que aquelas identifiquem.

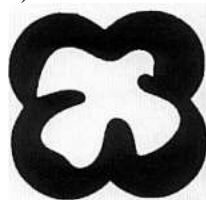
Entende-se por imagem qualquer inserção figurativa que possa ilustrar, exemplificar, objetivar o que se diz verbalmente. Trata-se de inserções verbais, não-verbais ou mistas.

A imagem com componentes verbais pode ser exemplificada pelas tabelas. A imagem não-verbal é a que se constrói com signos diferentes das palavras, assim como os gráficos. A imagem mista (com signos verbais e não-verbais) pode ser aqui representada, por exemplo, pelas charges, pelas partituras etc.

Em seguida, para mais uma ilustração, temos uma questão do ENEM – 2008, que cobrou o conhecimento dos signos orientadores:

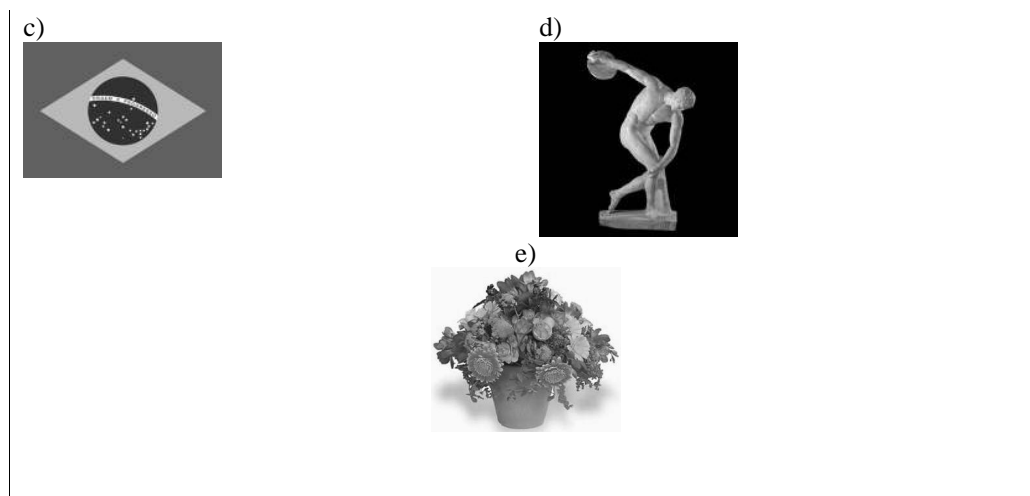
Os signos visuais, como meios de comunicação, são classificados em categorias de acordo com seus significados. A categoria denominada indício corresponde aos signos visuais que têm origem em formas ou situações naturais ou casuais, as quais, devido à ocorrência em circunstâncias idênticas, muitas vezes repetidas, indicam algo e adquirem significado. Por exemplo, nuvens negras indicam tempestade. Com base nesse conceito, escolha a opção que representa um signo da categoria dos indícios.

a)



b)





Considerações finais

Acreditamos na base icônica do pensamento e percebemos que a teoria da iconicidade verbal possa promover a facilitação da aprendizagem dos mecanismos textuais.

Admitimos que a participação de signos-icônicos na superfície dos textos é um fato garantidor do curso da leitura e que a tramitação da leitura se realiza pela persecução das pistas presentes no texto. Portanto, a produção de questões solucionáveis demanda, entre outras coisas, a produção de enunciados de alta iconicidade, para que sejam efetivamente compreensíveis e retem para os candidatos dificuldades exclusivas a um problema por vez, sem caráter de armadilha, de emboscada para capturar sujeitos e não para avaliar competências.

Assim, é possível identificar, nos textos, palavras e expressões que funcionam como âncoras que definem temas ou eixos temáticos, bem como formas linguísticas que atuam como ícones ou índices de categorias ou mecanismos gramaticais. Por isso, um ensino da língua pautado nos valores icônicos e indiciais das formas da língua poderá contribuir para a assimilação das estratégias de estruturação verbal, possibilitando assim uma aprendizagem efetiva e eficiente.

Nesse viés, um ensino de leitura com perspectivas semióticas possui relevância assegurada na pedagogia moderna, uma vez que assim se pode operar segundo possíveis intenções comunicativas compatíveis com o projeto de texto, que a seu turno define gênero e variante linguística.

Fique claro, todavia, que a intervenção de componentes semióticos não deve ser entendida como malha teórica e nomenclatural complicadora do processo, senão dados estratégicos que devem ser usados como orientação metodológica na solução das questões de interpretação.

Referências

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica no Século XX: de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 1995

SIMÕES, Darcilia & DUTRA, Vania Lucia Rodrigues. A iconicidade, a leitura e o projeto do texto. In: **Linguagem & ensino**, v.7. p.37 - 64, 2004.

_____. **Âncoras textuais: iconicidade a serviço da leitura e da produção de textos**. Comunicação em Abralim em Cena - Piauí, 2008.1. Disponível em:
<www.darciliasimoes.pro.br/textos/textos.htm>

_____. **Iconicidade e verossimilhança: semiótica aplicada ao texto verbal**. Edição digital. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

_____. & ABREU, M^a. Teresa T. V.. “Leitura e Produção de Textos: uma Abordagem Semiótica para o Ensino de Língua Materna”. In SIMÕES, Darcilia (org.) **Estudos semióticos. Papéis avulsos**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2004. [p. 61- 77] (1^a versão publicada em 1999).

Texto recebido em 12/06/09

Aprovado em 01/09/09